

CAPÍTULO 20

A ACADEMIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – AC&T

Em 1996 iniciei uma pesquisa sobre a influência de radicais livres em células do sangue, uma vez que a medicina ortomolecular¹ estava começando a se destacar. Após um ano de experimentos concluí que este tema, nas circunstâncias em que se apresentava, estava fadado ao fracasso. Avaliei amostras de sangue de pessoas com diferentes patologias e observei que os desequilíbrios moleculares variavam intensamente de pessoas para pessoas com as mesmas patologias, tornando-se inviável relacioná-los com suas gravidades clínicas. No entanto, as avaliações ortomoleculares para eventos causados por toxicidades adquiridas do ambiente (p. ex.: poluentes ambientais), de hábitos pessoais (p. ex.: consumo de gorduras trans) e dos medicamentos (p. ex.: quimioterápicos sulfonados) apresentavam resultados consistentes. Por conta destas pesquisas passei a ser convidado para ministrar palestras em diversos eventos científicos. Em novembro daquele ano atendi a um convite feito pelo professor Adelino Poli Neto^(Referência 7 do capítulo 15) para expor essas técnicas aos alunos de biomedicina da Universidade Santa Cecília, de Santos. O professor Adelino ficou exultante com o que viu durante a palestra e, ao final, fez a seguinte sugestão:

– Professor, seu nome é muito respeitado e conhecido na hematologia e por biomédicos, por que o senhor não oferece um curso de pós-graduação *lato sensu*² em análises ortomoleculares?

Como eu nunca havia pensado nisto? – me questionei silenciosamente naquele momento. Sempre oferecera cursos de curta duração, mas nunca um curso sequencial com 12, 14 ou mais meses. Agradei a sugestão do colega Adelino e disse que iria pensar no assunto.

Na realidade, comecei a pensar naquele mesmo instante, só que em vez de análises ortomoleculares, um assunto ainda muito restrito, passei a considerar a própria hematologia laboratorial como tema de um curso de pós-graduação *lato sensu*. Eu tinha uma respeitável biblioteca particular composta por quase uma centena de livros sobre laboratório clínico, a maioria de hematologia, e

alguns, inclusive, de edições recentes e que ofereciam informações atualizadas de todas as doenças importantes do sangue. Foi justamente por ter este suporte de conhecimento à minha disposição que senti segurança suficiente para propor o primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* em hematologia laboratorial.

Busquei informações sobre regulamentos destes cursos, formatos, custos com materiais, equipamentos necessários e pagamentos de pró-labore para professores. Em meados de 1997, fiz o programa do curso e apresentei-o ao departamento de biologia da Unesp. Após meses de trâmites burocráticos e reuniões intermináveis para avaliar as vantagens e desvantagens de um curso desta natureza para a universidade, o departamento cogitou aprová-lo com a condição de receber 80% dos valores arrecadados das mensalidades dos alunos matriculados, e eu ficaria com os 20% restantes para pagar os custos do curso, o meu pró-labore e o pró-labore de eventuais professores convidados. Obviamente não pude aceitar.

Em 1998 meus filhos estavam todos encaminhados para suas futuras profissões. O Flávio estava no último ano de medicina, a Lizely havia concluído seu curso de jornalismo e a Cláudia estava iniciando o curso de publicidade. Alguns meses antes de se graduar o Flávio ficou em dúvida sobre qual especialidade seguir: cardiologia ou hematologia. Ao procurar-me eu lhe disse:

– Flávio, a cardiologia é realmente atraente e com muitas opções de trabalho, porém você terá de começá-la do zero.

E, metaforicamente, continuei:

– A hematologia, por sua vez, é extremamente diversificada e você já tem uma avenida asfaltada à sua disposição. A escolha é sua!

Ele não teve dúvidas e escolheu a hematologia.

Ao longo dos cursos de hemoglobinopatias que ministrei por 20 anos enquanto professor da Unesp, eu consegui fazer um cadastro com aproximadamente 700 nomes de profissionais de laboratórios, endereços e telefones. Quando me dei conta desta riqueza “em carteira”, passei a considerar que o curso de pós-graduação em hematologia poderia ser independente, ou seja, sem ligação com qualquer instituição de ensino superior. Mesmo assim, durante as férias da

Lizely, eu pedi que ela fosse à agência central de telefones de Rio Preto e procurasse em listas telefônicas da cidade de São Paulo, e de outras capitais do Brasil, os endereços de laboratórios clínicos e de centros de hematologia, aumentando, assim, substancialmente a divulgação do primeiro curso de pós-graduação em hematologia.

Antes de partir para este desafio optei por oferecer cursos segmentados de hematologia com temas sobre diagnósticos de anemias, de leucemias ou de coagulação. Eram cursos com dois dias inteiros de duração (sexta-feira e sábado), com aulas expositivas e muitos exemplos de resultados de laboratórios em diversas patologias. Foi dessa maneira que pude conhecer melhor o que os alunos queriam de um curso de especialização. Esses cursos “pilotos” eram ministrados em salas de estar de apartamentos desocupados do prédio onde está instalado o CDA Laboratório. Enquanto eu ministrava o curso, a Alia gerenciava a matrícula dos inscritos, fazia o coffee break e providenciava cópias xerox de transparências para os alunos. Esses cursos iniciais foram importantes para criarmos o nosso modo de gerenciamento de cursos de pós-graduação que atualmente oferecemos na Academia de Ciência e Tecnologia de São José do Rio Preto, a AC&T.

No mês de maio de 1999, começamos a divulgar este novo modelo de curso de pós-graduação para todos os colegas que estavam em nosso cadastro de endereços via “mala direta”. Para este primeiro curso enviamos quase duas mil correspondências por correio e tivemos o cuidado de oferecer apenas 20 vagas. Ao recebermos as confirmações de matrículas nos surpreendemos com a quantidade de pessoas interessadas e, por isso, aumentamos o número de vagas para 35! As inscrições excedentes ficaram com o compromisso de serem atendidas no ano seguinte, quando o mesmo curso seria oferecido outra vez. Todo esse processo aconteceu de forma rápida quando, ainda, não dispúnhamos de um local definido para ministrá-lo. As salas de aulas disponíveis para locação em nossa cidade acomodavam no máximo 30 pessoas, estavam instaladas nas áreas de eventos dos bons hotéis e custavam caro. Por sorte, alguém nos alertou que o SESC de Rio Preto também oferecia salas a preços adequados ao nosso orçamento, pois, além de estarem equipadas com o projetor de slides e retroprojetor, elas eram refrigeradas. O contrato de aluguel obrigava que o coffee break fosse

feito na própria cantina do SESC e optei pelo clássico café, água e bolachas, pois algumas opções oferecidas para 35 pessoas, que era o número de alunos matriculados, eram mais caras que o aluguel da sala.

Alguns anos antes eu havia criado uma empresa denominada *Auditorium* que servia para emitir recibos de pró-labore dos cursos que eu ministrava fora da Unesp. Dessa maneira foi o Auditorium que nos dias 28 e 29 de agosto de 1999 patrocinou o primeiro curso de pós-graduação em hematologia laboratorial da AC&T. As aulas eram teóricas com muitas imagens e gráficos coloridos que empolgavam os alunos. No mês de setembro, após mais um final de semana de aula no SESC, a diretoria desta empresa nos comunicou que não poderia dar continuidade ao aluguel da sala pois a mesma seria usada para oficinas técnicas destinadas aos seus associados. E assim, de forma inesperada, ficamos sem local para ministrar as aulas do curso de pós-graduação. No dia em que fui assinar a rescisão do contrato de aluguel no SESC, observei que em frente havia um prédio com um enorme salão e uma placa de “*aluga-se*”. Fui conversar com o proprietário e ele disse que aquele imóvel havia sido alugado dias antes. Por curiosidade, perguntei:

– Desculpe-me, o senhor poderia me dizer o valor do aluguel de salas similares a esta?

– Em geral, por volta de cinco mil reais mensais! – ele respondeu.

Incrédulo com valor eu arrisquei:

– Mas quem teria cinco mil reais para alugar um salão igual a este?

E o dono do imóvel respondeu com leve um sorriso:

– Academias de ginástica!

Agradei, e ao chegar à calçada, apesar de estar inconformado com o valor de aluguel, surgiu uma ideia desafiadora:

– Oras! Eu vou criar uma Academia! A Academia de Ciência e Tecnologia! E, então, sozinho em meu carro, comecei a rir com esta possibilidade.

Quando comentei com a Alia e a minha filha Claudia, que nos visitava naqueles dias, sobre a ideia de montar a Academia de Ciência e Tecnologia, as duas aprovaram esta nova denominação. E assim, no final de outubro daquele ano, a empresa Auditorium deu lugar à Academia de Ciência e Tecnologia de

São José do Rio Preto, uma sociedade familiar minha e da minha esposa Alia. Claudia foi a nossa primeira web designer e projetou a nossa home www.cien-cianews.com.br .

Meu pai tinha uma enorme casa vizinha à nossa e que estava desalugada havia um bom tempo. Fui conversar com ele e propus que pagaríamos dois mil reais de aluguel mensal, o mesmo valor que o inquilino anterior lhe pagara antes.

Quando contei que o aluguel com o SESC havia sido desfeito e que o curso estava indo muito bem, inclusive com turma agendada para o ano seguinte, ele simplesmente disse:

– Pode ocupar a casa amanhã e não precisa pagar aluguel!

A primeira turma de pós-graduação em hematologia laboratorial era composta por profissionais de laboratórios e hemocentros, a maioria proveniente de cidades paulistas, mas também havia alunos de Minas Gerais, Paraná e Espírito Santo. Tudo indicava que estávamos caminhando para um novo momento de atividades e para isto precisávamos profissionalizar a secretaria. Não foi difícil encontrar a secretária ideal ao lembrarmos da Yone^(Referência 3 do capítulo 19), que alguns anos antes havia trabalhado comigo quando fui diretor da Unesp e naquela oportunidade estava aposentada do serviço público. Da mesma maneira precisava de um profissional do tipo “faz-de-tudo” e contratamos um rapaz recém-chegado do Ceará, e que logo ganhou o apelido óbvio de Ceará³. A Yone e o Ceará seguem conosco há 20 anos!

O sucesso desse primeiro curso e a certeza de que um outro se iniciaria no ano seguinte com as vagas já preenchidas nos deixaram muito animados. Foi nesta fase de empolgação que conversei com a Alia sobre uma outra proposta que há muito tempo eu sonhava em colocar em ação: o curso de ciência e tecnologia para crianças e jovens. O mesmo teria um custo pequeno pois usaria a estrutura da AC&T, além da contratação de estudantes de biologia da Unesp como bolsistas para ministrá-lo. Para a montagem desse novo e peculiar curso foi muito difícil encontrar projetos e materiais que pudessem ser usados. A USP de São Paulo tinha um projeto neste sentido, mas havia sido cancelado alguns

anos antes. Meses depois fomos a Cambridge, Inglaterra, para conhecer algumas escolas de ciências para crianças. Ao analisarmos os projetos desenvolvidos lá concluímos que o custo para a manutenção de algo similar no Brasil seria extremamente alto. Sem desanimar, fomos ao Museu da Ciência de Londres onde encontramos vários kits de experimentos científicos para crianças e adolescentes, e enchemos nossas malas com eles. Ao retornarmos desta viagem, nossas malas foram selecionadas para inspeção pela alfândega do aeroporto de Guarulhos, onde ocorreu o seguinte diálogo:

– Por que tantos brinquedinhos? Vocês têm loja? – indagou o inspetor da alfândega.

– Não!!!! Nós temos uma escola de ciências para crianças e estes “brinquedinhos” são para experiências – respondemos.

– Ahh! Escola de ciências para crianças? Aqui no Brasil? Será que vai dar certo? – perguntou o inspetor.

– Já temos 40 alunos e parece que estão gostando!

– Ah! Isto é um milagre! – finalizou o inspetor ao fechar nossas malas.

Durante dois anos oferecemos este curso para aproximadamente cem alunos, com idades entre 8 e 16 anos. Foi um sucesso, pois o deslumbramento das crianças e dos jovens diante das experiências químicas, físicas e microscópicas, entre outras, também era fascinante para nós. Foi por conta desse curso que contratamos a então estudante Magaly⁴ para ser monitora das experiências científicas, e que também segue conosco até o presente.

Passados dois anos de funcionamento da AC&T, o número de interessados em nossas pós-graduações aumentou sensivelmente e, para nos dedicarmos com mais empenho a estes cursos, fomos obrigados a encerrar o de ciências para crianças e jovens. A partir daí contratamos a Néia⁵ e a Edileuza⁶, que cuidam dos dois prédios onde estão os flats dos alunos, e o senhor José⁷, responsável pelos jardins da Academia.

As turmas seguintes das pós-graduações que oferecíamos passaram a ser compostas por alunos vindos de um número cada vez mais abrangente de cidades e estados, dando dimensão nacional aos nossos cursos.

Já em 1999 era possível notar que as qualidades técnicas e profissionais dos

nossos alunos eram muito boas, e para corresponder a este bom nível de conhecimento foi preciso ter o respaldo clínico de um médico hematologista. Foi por essa razão que em dezembro daquele ano convidamos o experiente hematologista Milton Artur Ruiz^(Referência 12 do capítulo 15) para professor associado.

A partir de 2004, os nossos cursos passaram a receber colegas recém-graduados e alguns deles precisavam de certificados de especialização chancelados pelo MEC para prestarem concursos públicos em hospitais, hemocentros e institutos de pesquisas. Tentei chancelá-los diretamente com o MEC, mas o avaliador indicado desaprovou o pedido argumentando que nossa instituição não era universitária, embora elogiasse o espaço físico, a capacitação dos professores, os laboratórios, os equipamentos e a qualidade do nosso material didático. Diante disso fui em busca de uma instituição de ensino superior que começava a se destacar no cenário universitário de Rio Preto e região – a Faceres. Seu mantenedor e diretor era o médico Toufic Ambar Neto⁸, que havia sido meu aluno de microbiologia quando estudante de medicina. O doutor Toufic sempre manifestara interesse nas pesquisas que eu fazia durante meus tempos de Unesp. Ao saber das minhas dificuldades em obter a chancela direta pelo MEC, o doutor Toufic simplesmente disse:

– Professor, será uma honra tê-lo como parceiro. A Faceres fará a chancela dos cursos de pós-graduação da Academia junto ao MEC.

E enfatizou, em seguida:

– Não cobraremos nada por esta chancela, pois o nome da AC&T é um selo de qualidade para nossa faculdade!

E assim foi feito! A parceria Faceres – AC&T tem mais de 16 anos e a importância dessa cooperação só aumentou, pois a Faceres se tornou uma faculdade de medicina de grande prestígio no estado de São Paulo.

As ofertas de novos cursos nos fizeram contratar a professora Margarete Gottardo de Almeida^(Referência 7 do capítulo 10) para ministrar a pós-graduação em microbiologia clínica, o professor Luiz Carlos de Mattos^(Referência 8 do capítulo 10) para os cursos de pós-graduação em imunologia clínica e biologia molecular, o professor Nadilson Cunha⁹ para a pós-graduação em análises clínicas, o professor Marco Antonio Dias¹⁰ para o curso de hormônios e, por fim, a professora

Roberta Facchini¹¹ para coordenar o curso de banco de sangue. Outros 78 excelentes professores¹² foram convidados ao longo dos 20 anos da AC&T para colaborar com suas experiências em nossos diversos cursos de pós-graduação.

Em 2007, após concluir residência em clínica e em hematologia e hemoterapia, especializar-se em hematologia, hemoterapia e transplante de medula óssea, defender teses de mestrado e doutorado, e realizar o pós-doutoramento em hematologia na universidade de Middlesex, Londres, Inglaterra, o professor Flávio Naoum passou a integrar o corpo docente da AC&T, coordenando e promovendo vários cursos. O Instituto Naoum de Hematologia foi, em seguida, instalado por ele junto à AC&T e recebe pacientes de várias regiões do Brasil em busca de diagnósticos e tratamentos para suas doenças hematológicas. Muitos relatos de casos que apresentamos em aulas dos nossos cursos de pós-graduação provêm desses pacientes.

Historicamente, a Academia de Ciência e Tecnologia ocupou o imóvel doado por meu pai para esta finalidade em novembro de 1999. Seu espaço físico é imenso, totalizando 1.050m² de área construída. Dispõe, atualmente, de um anfiteatro para 100 pessoas e uma sala de aula para 40 pessoas – ambos com sistemas de projeções de microscópio e integração com lousas eletrônicas –, dois laboratórios para demonstrações práticas, um laboratório modular adaptável para qualquer tipo de demonstração prática, além de gabinetes para professores, consultórios médicos, sala de espera, secretaria, almoxarifado e copa-cozinha. Conta, também, com biblioteca composta por 700 monografias de alunos, muitos livros e atlas hematológicos, os doze livros didáticos de autorias minha e de Flávio Naoum, e centenas de revistas especializadas (Science, Blood, Hematologica, Scientific American, Jornal Brasileiro de Medicina Laboratorial, Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia, Revista de Análises Clínicas da SBAC, Laes & Haes e News Lab). Ao lado da biblioteca há uma sala de lazer preparada para receber acompanhantes de nossos alunos.

Recentemente introduzimos em nosso site a biblioteca digital, que expõe mais de dois mil artigos completos de conclusão de curso, o TCC, nas áreas de hematologia, hemoterapia, microbiologia, bioquímica clínica, imunohematologia

e outros temas (análises clínicas veterinária, citologia patológica e laboratório nas infecções). Esta fantástica forma de difusão de conhecimentos científicos foi realizada com o auxílio do estagiário Bruno Félix¹³.

Completando o espaço físico da AC&T há o museu do laboratório. Este museu foi montado com cerca de 350 peças raríssimas (microscópio do ano de 1905, colorímetros e fotocolorímetros, balanças de um e dois pratos, centrífugas, diversos tipos de vidrarias, livros do início de século 20, etc.) doadas por ex-alunos que realizaram nossos cursos. Este museu está sempre aberto a visitas.

Para proporcionar conforto e segurança, a AC&T disponibiliza, gratuitamente, acomodações para nossos alunos em flats masculino e feminino em prédios de nossa propriedade e contamos com serviço de transporte, por meio de vans, para buscar e levar os alunos hospedados nos flats. Oferecemos café da manhã aos sábados e domingos de curso, além do coffee break nos intervalos de aulas, e dispomos de suporte para soluções de emergências.

Por todas essas razões, a AC&T contabiliza nesses 20 anos de atividades mais de 3.000 alunos certificados, provenientes de aproximadamente 600 cidades brasileiras de 24 estados do Brasil, de duas cidades do Paraguai e uma da Colômbia. Até a publicação deste livro havíamos realizado 64 cursos de especialização nas áreas de Hematologia, Hematoterapia Celular, Hematologia Avançada, Banco de Sangue, Análises Clínicas, Imunologia, Microbiologia, Gerenciamento laboratorial e Biologia Molecular.

Há que se destacar e homenagear alguns alunos nossos que realizaram mais de quatro cursos diferentes de pós-graduação promovidos pela AC&T¹⁴, e este fato nos dá a certeza de que estamos oferecendo um bom serviço para o progresso da ciência e tecnologia do Brasil.

Glossário deste capítulo:

¹ Medicina ortomolecular: é uma prática de medicina alternativa que busca manter o equilíbrio químico orgânico por meio de suplementação nutricional e cuidados contra toxicidades químicas e físicas.

² Curso de pós-graduação *lato sensu*: é conhecido também por curso de especialização. As principais exigências são: mínimo de 360 horas-aulas, 75% de presença e elaboração de tema de conclusão de curso (TCC).

³ Ceará: Antônio Ernani Bezerra, autônomo e funcionário da AC&T desde a sua fundação.

⁴ Magaly de Souza Moraes Moretti: bióloga de formação, secretária, monitora de aulas práticas da AC&T e funcionária da AC&T desde a sua fundação.

⁵ Néia: Enedina Felix Bezerra, responsável pelas manutenções da AC&T e do Flat Residence (antigo flat feminino).

⁶ Edileuza Félix: responsável pela manutenção do Flat Siqueira Campos.

⁷ José Félix: responsável pela manutenção dos jardins da AC&T.

⁸ Toufic Ambar Neto: médico, mestre em ciência da saúde, escritor, acadêmico da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, diretor e mantenedor da faculdade de medicina Faceres.

⁹ Nadilson Cunha: bioquímico, coordenador de vários congressos de análises clínicas da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas (SBAC), professor dos cursos de análises clínicas da AC&T, autor de livros de bioquímica clínica e urinálise.

¹⁰ Marco Antônio Dias: carinhosamente conhecido por Gatão. Médico com doutorado em endocrinologia, professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp), coordenador e professor do curso de pós-graduação de Hormônios da AC&T.

¹¹ Roberta Maria Facchini: médica com doutorado em hematologia e hemoterapia, vice-diretora médica do banco de sangue do hospital Sírio Libanês de São Paulo, coordenadora e professora da disciplina de banco de sangue dos cursos da AC&T.

¹² 78 excelentes professores: Adriano Mondini, Agnes Fett Conte, Ana Maria Araujo Lóis, Ana Rosa Alves Araujo, Andréa Aparecida Garcia, Andréia Barduchi Carvalho Franco de Salles, Adriana Pellegrino Pinho Ramos, Alexandre Calegari, Antenor Pedrazzi, Antônio Carlos Brandão, Bianca Gottardo de Almeida, Bruno Cardoso Gonçalves, Carla Taddei de Castro Neves, Claudia Regina Bonini Domingos, Claudio José de Freitas, Carlos Eugênio Cavassini, Carlos Fabian Mendiburu, Carolina Collombeli Pacca Mazaro, Catia Rezende, Claudio José de Freitas Brandão, Daniela Camarinha, Denise Nakamura, Domingas A. A. G. Vieira Torres, Elisete Maria Correa, Elza Maria Castilho, Erika Cristina Pavarino, Ernesto Paschoalin, Eurípides A. Barbosa, Fernando Alfredo Pretti, Filomena Salomão da Silva, Francisco Inaldo Mendes da Silva Junior, Guilherme Birchall Collares, Heloisa Paro Pedro J. D. Zanco, Jane Bonilha, João Marcelo Rondina, Jeová Alves dos Santos, Joeder Carlos de Carvalho, John Antony M. Culloch, Jorge Cesar Cury Megid, José Edgard Ravazzi Junior, Judi Cavalcante, Juliana Rodrigues Cintra, Juliana Miguel Bilar, Kennio Ferreira Pain, Luciana Maria Ribeiro Neto, Luis Carlos de Mattos, Luiz Antonio Tilton, Luiz Carlos Scatena, Luiz Mario Ramos Janini, Mara Correa Lellis Nogueira, Maria Gabriela de Lucca Oliveira, Mario Roberto Lago, Mario Luiz Cosso, Marcio Antônio Wanderley de Melo, Marcio Motta, Maria Baquerizo Martinez, Maurício Lacerda Nogueira, Milton Artur Ruiz, Nelson Falsarella, Nilton Lincopan, Odécio Caceres, Octávio Ricci Junior, Patrícia Leite Faria, Patrícia da Silva Fucuta, Paulo Cesar Paganelli, Paulo Zola, Ricardo Luiz Dantas Machado, Rômulo Augusto dos Santos, Sergio Maciel, Silvia Alonso y Alonso Bittar Cunha, Sinara de Cassia Brandão de Mattos, Sueli Melande, Valney Canutti Junior, Vanderlei Antunes, Valquíria Bueno, Vania M. S. Brienza, Wilson Araujo da Silva Junior e Wilson de Melo Cruvinel.

¹³ Bruno Félix: estagiário, na época com 15 anos de idade compilou e ajudou a classificar mais de 2 mil artigos de TCCs entregues entre os anos de 2005 e 2019 pelos alunos dos cursos de pós-graduação da AC&T.

¹⁴ Colegas que realizaram mais de quatro cursos diferentes na AC&T: Adriano Machado de Sousa (Lambari, MG), Amadeu Pasqualin Neto (Ribeirão Preto, SP), Amilton Rezende Sticca (Mococa, SP), Angelo Trento (Cianorte, PR), Antonio Milton Bandeira (Arapongas, PR), Chafic Facuri Filho (Franca, SP), Eliane Szucs dos Santos (Presidente Prudente, SP), Flávio César Lopes Barcha (Lambari, MG), Francisco Antônio Guedes Teixeira (São José do Rio Preto, SP), João Bosco Bonin (Arapongas, PR), Lucimara Conrado Arnoni (Porto Ferreira, SP), Luís Augusto de Oliveira França (Araxá, MG), Luís Augusto de Oliveira França Filho (Araxá, MG), Luiz Antônio Ximenes (Santo Antônio da Platina, PR), Martinho da Palma e Mello Junior (Paranaíba, MS), Norival Rodrigues (Três Rios, RJ), Renata Mosconi Moreira Jomaã (Guaira, SP), Roberto Shihiti Nakata (Presidente Venceslau, SP), Selma Lopes Soares de Melo (Piumhi, MG), Silvia Zucchi Bailão (Ribeirão Preto, SP), Valéria Millarch Barbosa e Silva (Siqueira Campos, PR) e Wilson Isolani (Campos Mourão, PR).